











O CUIDADO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM SAICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

CARE FOR CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN SAICA: AN EXPERIENCE REPORT

Victória Duarte Faria  , Universidade Santo Amaro, São Paulo, São Paulo, Brasil.
Roseli Aparecida Monaco  , Universidade Santo Amaro, São Paulo, São Paulo, Brasil.

O CUIDADO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM SAICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

CARE FOR CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN SAICA: AN EXPERIENCE REPORT

Victória Duarte Faria  , Universidade Santo Amaro, São Paulo, São Paulo, Brasil.¹
Roseli Aparecida Monaco  , Universidade Santo Amaro, São Paulo, São Paulo, Brasil.²

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por diferenças na comunicação, a interação social e o comportamento. Este estudo tem como objetivo refletir sobre o cuidado e as estratégias de intervenção precoce oferecidas a uma criança com TEA na primeira infância, acolhida em um Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA) em São Paulo. Trata-se de um relato de experiência qualitativo, baseado na vivência da pesquisadora como voluntária e estudante de Psicologia, realizado sob orientação docente. Foram observadas limitações na comunicação verbal e não verbal, respostas emocionais intensas, dificuldades em compartilhar e tendência ao isolamento. O estabelecimento de vínculos e o brincar se mostraram estratégias fundamentais para a intervenção precoce. Observou-se a necessidade de preparo dos profissionais para atuar em contextos de vulnerabilidade, sobretudo na ausência ou fragilidade do vínculo familiar. Espera-se que este estudo contribua para a valorização do cuidado sensível e personalizado a crianças com TEA em acolhimento institucional, ressaltando a importância de intervenções voltadas às suas necessidades específicas desde a primeira infância.

Palavras-chave: TEA; Primeira Infância; Intervenção Precoce; Cuidado; SAICA.

Abstract: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by differences in communication, social interaction, and behavior. This study aims to reflect on the care and early intervention strategies offered to a child with ASD in early childhood, placed in a Residential Care Service for Children and Adolescents (SAICA) in São Paulo. This is a qualitative experience report based on the researcher's experience as a volunteer and Psychology student, conducted under academic supervision. Observations revealed limitations in verbal and non-verbal communication, intense emotional responses, difficulties in sharing, and a tendency toward isolation. The establishment of emotional bonds and play proved to be key strategies for early intervention. There was a need for professionals to be prepared to act in vulnerable contexts, especially in the absence or fragility of family ties. It is expected that this study contributes to the appreciation of sensitive and personalized care for children with ASD in institutional settings, highlighting the importance of interventions aimed at their specific needs from early childhood.

Keywords: ASD; Early Childhood; Early Intervention; Care; SAICA.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Santo Amaro (UNISA). E-mail: hvictoria@estudante.unisa.br

² Psicóloga, psicopedagoga e mestre em Educação, Arte e História da Cultura. Professora e supervisora na Universidade Santo Amaro (UNISA). Email: ramonaco@prof.unisa.br

INTRODUÇÃO

As crianças com autismo, assim como as aves, são diferentes em seus voos. Todas, no entanto, são iguais em seu direito de voar. — Paráfrase inspirada em Jesica del Carmen Perez. Essa metáfora nos leva a refletir sobre a singularidade das crianças com autismo e o respeito às suas formas de ser, sentir e interagir. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento, caracterizada por diferenças na comunicação e interação social, além de comportamentos e interesses restritos e repetitivos. Esses sinais se manifestam geralmente antes dos três anos de idade, mas em alguns casos são mais sutis e tornam-se mais visíveis ao longo do desenvolvimento (Benute, 2020; Schwartzman; Araújo 2011).

A Cartilha dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ordem, 2012) ressalta que entender o autismo como uma forma de diversidade humana não exclui seu reconhecimento como deficiência. Essa visão é respaldada pela Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, citada na cartilha, que afirma: “toda deficiência é diversidade humana, e toda pessoa com deficiência é parte da humanidade” (art. 3.d).

Essa perspectiva requer atenção às condições que favorecem o desenvolvimento desde os primeiros anos de vida. A primeira infância é um período sensível e determinante, marcado por importantes aquisições físicas, cognitivas, emocionais e sociais, devido à elevada plasticidade neural (Martins; Pires, 2020). Nesse contexto, a intervenção precoce é fundamental para potencializar esses avanços, promovendo melhorias em linguagem, comportamento e interação social (Duarte *et al.*, 2016).

A Lei nº 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garante às pessoas com TEA os mesmos direitos das pessoas com deficiência. Apesar desse reconhecimento legal, é importante considerar de que forma esses direitos são efetivados na prática, especialmente em contextos onde a presença da família é interrompida ou fragilizada. Crianças com TEA que se encontram afastadas do convívio familiar e inseridas em Serviços de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA), enfrentam desafios ainda mais complexos em relação ao cuidado e à identificação de suas necessidades específicas.

Diante disso, este relato de experiência tem como objetivo refletir sobre o cuidado e as estratégias de intervenção precoce oferecidos a uma criança com Transtorno do Espectro Autista na primeira infância, acolhida em um SAICA, com base na vivência da pesquisadora como voluntária na instituição. A relevância deste estudo está na necessidade de discutir o cuidado voltado a crianças com autismo em contexto de acolhimento institucional, em que a ausência familiar pode dificultar a identificação precoce de sinais e o encaminhamento adequado. Assim, busca-se contribuir para o reconhecimento das necessidades específicas dessas crianças desde os primeiros anos de vida, destacando a importância do brincar e da intervenção precoce para seu desenvolvimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e se configura como um relato de experiência, modalidade que, segundo Minayo (2014), busca compreender fenômenos sociais a partir da vivência da pesquisadora no contexto investigado, valorizando sua subjetividade e inserção na realidade observada. A experiência refere-se à atuação como voluntária em um Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA), na zona sul de São Paulo, entre março e setembro de 2025. Estudante de Psicologia, a autora realizou este estudo sob supervisão docente. Suas atividades incluíram o acompanhamento da rotina institucional, apoio nas tarefas escolares e observação das interações das crianças acolhidas.

O relato centra-se na vivência com uma criança da primeira infância diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), identificada com o nome fictício de Luigi. As observações foram espontâneas, inseridas na rotina da instituição, sem uso de instrumentos padronizados ou registro de dados identificáveis, e realizadas em conformidade com os princípios éticos de sigilo, anonimato e respeito à privacidade, seguindo as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISA (CEP/UNISA).

RESULTADOS

Durante o período de voluntariado no SAICA, foram realizadas observações informais das interações cotidianas entre as crianças, os orientadores socioeducativos e demais profissionais. Dentre as experiências acompanhadas, destaca-se a convivência com Luigi, acolhido há cerca de um ano e diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresentando limitações na comunicação verbal e não verbal, respostas emocionais intensas, dificuldades em compartilhar e tendência ao isolamento.

Em uma situação, ao ser contrariado, Luigi lançou um brinquedo contra a parede. A orientadora o acolheu fisicamente com um abraço por trás, permanecendo com ele até que se acalmasse; embora inicialmente resistisse, Luigi manteve-se junto à profissional até recuperar a tranquilidade. Em outro episódio, ao não conseguir expressar o que desejava, reagiu agressivamente. O orientador tentou intervir chamando-o pelo nome e, diante da persistência do comportamento, elevou o tom de voz, alertando sobre o risco de machucar as outras crianças. Após algumas tentativas, Luigi se afastou e se acalmou. Durante atividades escolares e momentos lúdicos, demonstrou envolvimento e buscou ajuda, como ao entregar uma canetinha à pesquisadora para que fosse aberta. Apresentou dificuldade em compartilhar brinquedos, o que gerava conflitos.

Em outro momento, contornou sua mão em uma folha, sorriu ao ver o resultado e correu feliz para mostrar às orientadoras; depois, ficou brincando sozinho com o papel no jardim. Esses episódios revelaram trocas afetivas significativas, que estimularam sua autonomia e expressão emocional.

DISCUSSÃO

O acolhimento institucional deve ser compreendido como uma prática fundamentada na ética do cuidado, essencial para garantir a proteção social das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Conforme Berger *et al.* (2021), essa ética se manifesta no encontro entre seres humanos, que pode resultar tanto em permanências e vínculos quanto em afastamentos e rupturas. Nesse cenário, o SAICA assume um papel provisório, temporário e excepcional, previsto pelo ECA (Brasil, 1990). Trata-se de um serviço acionado somente quando outras alternativas de cuidado se mostram insuficientes, atribuindo aos profissionais a responsabilidade pelo cuidado cotidiano que transcende as necessidades materiais, englobando suporte emocional, social e educativo (Berger *et al.*, 2021).

Essa responsabilidade torna-se ainda mais complexa no atendimento a crianças com Transtorno do Espectro Autista. O TEA é reconhecido como deficiência pela Lei nº 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, e também pela Lei nº 13.146/2015, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2012; Brasil, 2015). Essas legislações garantem proteção e políticas específicas para pessoas com TEA, conforme detalhado no Manual dos Direitos da Pessoa com Autismo (São Paulo, 2021).

No entanto, é importante destacar que o autismo não é uma doença, mas uma condição neurodiversa que integra a identidade do sujeito. Assim, o cuidado institucional deve se fundamentar na escuta ativa, no respeito às diferenças e na construção de vínculos afetivos que promovam segurança e favoreçam o desenvolvimento da criança (Martins; Pires, 2020; Berger *et al.*, 2021).

Nesse contexto, a experiência de Luigi, uma criança acolhida no SAICA, ilustra a importância de uma abordagem cuidadosa e atenta. Durante a convivência, foram observados comportamentos compatíveis com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), como dificuldades na comunicação verbal e não verbal, rigidez em algumas ações, reações intensas diante de frustrações e resistência ao compartilhamento de brinquedos, aspectos reconhecidos pela Cartilha “Tudo o que você precisa saber sobre o Transtorno do Espectro Autista” (MPCE, 2024) como característicos do espectro.

Apesar de momentos de cuidado afetivo, como o acolhimento físico feito pela orientadora, também foram observadas práticas inadequadas para crianças com TEA, como o aumento do tom de voz diante da insistência de Luigi, atitude que pode agravar o estresse e a desorganização emocional. Situações assim apontam para a importância de intervenções precoces e sensíveis às necessidades específicas do autismo (Direção Geral De Saúde, 2016). Além disso, a ausência familiar acentua a vulnerabilidade da criança acolhida. Como destaca Costa (2020), a família é um dos principais pilares no cuidado à criança com autismo. No SAICA, onde essa rede está ausente, os profissionais assumem esse papel de referência afetiva e devem estar preparados para promover vínculos seguros e ambientes que favoreçam o desenvolvimento integral.

Nesse sentido, o brincar surge como uma ferramenta fundamental, como visto quando Luigi demonstrou alegria ao explorar materiais simples – contornando sua mão em uma folha e correndo para mostrar o resultado às orientadoras. Segundo Vigotski (2001), a atividade lúdica permite à criança ultrapassar comportamentos habituais, funcionando como uma lente de aumento das potencialidades emergentes. Para Winnicott (1975), é por meio do brincar que a criança elabora experiências emocionais em um espaço seguro, o que favorece seu amadurecimento psíquico. Dessa forma, quando mediado por adultos sensíveis e disponíveis, o brincar não apenas fortalece vínculos, mas também atua como estratégia de intervenção precoce no desenvolvimento infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base neste relato de experiência, observa-se que o cuidado a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente na primeira infância, em contextos de acolhimento institucional como o SAICA, requer um olhar sensível e personalizado às suas necessidades específicas. A ausência da família intensifica o papel dos orientadores socioeducativos e demais profissionais, que se tornam referências no cotidiano dessas crianças. A vivência relatada evidenciou como gestos cotidianos, vínculos afetivos e o brincar podem assumir caráter de intervenção precoce, contribuindo para o desenvolvimento global da criança. Contudo, revela-se fundamental preparar os profissionais para o manejo sensível dessas situações, por meio de estratégias que respeitem as particularidades do desenvolvimento infantil atípico.

O cuidado, nesse contexto, vai além de uma ação prática – é uma postura relacional que promove acolhimento, escuta e vínculos significativos, essenciais para o desenvolvimento integral da criança com TEA. Ressalta-se que este relato representa um recorte específico de uma vivência pontual. Por isso, é fundamental que a literatura avance na produção de pesquisas sobre a realidade de crianças com autismo em acolhimento institucional e os impactos dessa experiência em seu crescimento e aprendizagem – para que cada criança possa, a seu modo, abrir asas para seus próprios voos.

REFERÊNCIAS

BENUTE, G. R. G. (Org.). **Transtorno do espectro autista (TEA):** desafios da inclusão. São Paulo: Setor de Publicações - Centro Universitário São Camilo, 2020.

BERGER, S. M. C. *et al.* A ética do cuidado nos processos de acolhimento de crianças e adolescentes: tramas, fios e conexões. In: RIZZINI, I.; BRASIL, R. M. R. C. (orgs.). **A ética do cuidado:** entre a casa, as ruas e as instituições. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021. p. 21-42.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 19 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**,

Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 27 jun. 2025.

COSTA, F. M. A importância da família no desenvolvimento de crianças com autismo. **Revista de Terapia Ocupacional**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 98-115, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/39761>. Acesso em: 19 jun. 2025.

DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE. **Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância**. Disponível em: <https://www.dgs.pt/sistema-nacional-de-intervencao precoce nainfancia/introducao.aspx>. Acesso em: 27 jun. 2025.

DUARTE, C. P. et al. Diagnóstico e intervenção precoce no transtorno do espectro do autismo: Relato de um caso. **Autismo: vivências e caminhos**, p. 46-56, 2016.

MARTINS, G. D.; PIRES, E. U. Entendendo o Transtorno do Espectro Autista na primeira infância. **Núcleo de Ações e Reflexões em Neuropsicologia do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro 2020.

MINAYO, M. C. D. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ (MPCE). Tudo o que você precisa saber sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Fortaleza: **MPCE**, 2024. Disponível em: <https://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2024/11/CARTILHA-TEA-FINAL2024.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL. **Cartilha dos direitos da pessoa autista**. Brasília: Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil do Distrito Federal, 2012.

SÃO PAULO. Defensoria Pública. **Manual dos direitos da pessoa com autismo**. São Paulo: DPESP, 2021.

SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. **Transtorno do espectro do autismo – TEA**. São Paulo: Memnom, 2011.

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e palavra. In: VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Original publicado em 1934).

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Submetido em: 10/10/2025 | Aceito em: 18/01/2026 | Publicado em: 26/05/2026